

Yves de La Taille : O erro na perspectiva piagetiana

(Resumo elaborado por Josélia Gomes Neves)

Fonte: www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigos.asp?

Para LA TAILLE (1997), a teoria piagetiana da inteligência humana reorganizou o enfoque sobre o erro, considerando vários aspectos, “de pecado capital da aprendizagem, o erro ganhou certa nobreza, foram demonstradas sua função e utilidade” (p.25). O erro, portanto, passa a ter um novo status dentro do enfoque pedagógico e nos leva a pensar que ao invés de fechar portas pode contribuir para abri-las.

O autor discute o tema erro construtivo relacionando-o aos conceitos de Piaget, através da organização das categorias: o conhecimento como interpretação, o conhecimento como construção, o conhecimento e a socialização, conhecimento e a motivação. Levando em conta esta sistematização, apresentaremos as suas considerações a respeito do assunto.

Ao desenvolver a questão do conhecimento como interpretação, o autor destaca o conceito assimilação – expressão retirada da biologia por Piaget que significa “converter em substância própria”, ou seja, toda e qualquer forma de interação entre o organismo e seu meio, um processo em que o esquema se desenvolve. Como o ato de conhecer é sempre um ato de interpretar, daí a relação com a assimilação, forma de incorporar elementos do meio as estruturas do pensamento, um modo de atribuir sentido, resultando em um trabalho efetivo realizado pelo sujeito.

Ao responder as questões do cotidiano, num esforço de compreender o mundo, pode achar, por exemplo, que o pensamento é a boca que pensa, as idéias estão no cérebro e pode-se conferir, abrindo a cabeça de alguém. Essa reação é interpretada por Piaget como realismo – representação egocêntrica que a criança produz em seu ambiente conforme ela pensa que este ambiente é, sem levar outras explicações em conta.

Outra questão é considerar que tudo que se move tem vida (animismo), daí sustentar a idéia de que é possível ser seguido pela lua, ou seja, o movimento dos astros se dá em função de sua intencionalidade. Ao produzir este tipo de encaminhamento ou respostas, o aprendiz na visão de Piaget utiliza recursos baseados no que ele denominou animismo – concepções infantis que correspondem a um determinado estágio de desenvolvimento. Tanto o realismo como o animismo, manifestam o egocentrismo infantil, isso porque ainda é muito frágil à barreira da fronteira entre a criança e o ambiente.

Nesse processo de conhecimento, o sujeito elabora representações - um recurso que demonstra que a inteligência não apenas reproduz, mas, sobretudo confere um sentido, segundo os elementos que dispõe no momento. Ao produzir estas representações, corre o risco de errar.

Há o reconhecimento da importância do erro no processo da aprendizagem, entretanto, Yves La Taille denuncia que algumas interpretações a respeito do construtivismo vêm de certa forma sacralizando o erro, colocando-o na categoria de “intocável” afastando então a idéia da correção.

Entende que o erro deve merecer uma atenção pedagógica e não simplesmente reduzir-se a “uma condenação sumária, ou tornar relativo seu valor como produção dos alunos” (25). Nesta perspectiva há uma definição muito clara sobre erro, conforme segue:

Chamaremos de erro tanto as idéias infantis que contradizem os conhecimentos solidamente estabelecidos pela humanidade (por exemplo, a terra gira em torno do sol ou que os astros se movem em razão de leis físicas e não em decorrência de alguma forma de intencionalidade) quanto àquelas que as próprias crianças, quando mais velhas, abandonarão definitivamente (por exemplo, que a lua as segue ou que os sonhos têm materialidade)”. (LA TAILLE, 1997, p. 25).

O estudioso em pauta classifica os erros infantis em duas formas: a negativa e a positiva. A negativa refere-se à diferença entre o conhecimento considerado correto e o conhecimento incorreto. Utilizando a ilustração anterior, é quando a criança acha que as coisas se movem porque têm uma consciência, ou seja, se move de forma deliberada e intencional, manifesta um conhecimento errado a respeito do funcionamento do universo. Ressalta que a presença dos erros deve ser entendida como um diagnóstico a respeito do nível de desenvolvimento da inteligência do sujeito.

Já a forma positiva de se produzir tais erros, constitui-se numa demonstração que dão da atividade da inteligência infantil - as concepções animistas e realistas, por exemplo, são as provas de que a criança constrói explicações sobre o funcionamento do mundo, ou seja, pensa o mundo. Pode-se afirmar que é preferível a presença destas teorias mesmo que erradas que a ausência delas.

A esse respeito, constatamos com Emília Ferreiro que demonstrou através da Psicogênese da Língua Escrita, que é muito mais significativo para um (a) aluno (a), num certo momento de sua aprendizagem acredite que as sílabas representam uma letra apenas, do que não possuir nenhuma hipótese sobre a escrita.

Afirma ainda que a condenação pura e simples do erro pode demonstrar um desconhecimento sobre o caráter interpretativo da inteligência infantil, já que o erro não pode ser avaliado apenas dentro da alternativa do certo, além de que pode significar um desrespeito à inteligência do aprendiz, a demonstração explícita de descaso para com estes esforços e estas produções. O importante é compreender que os erros dos (as) alunos (as) podem fornecer pistas importantes sobre suas reais capacidades de assimilação. O trabalho docente pode ser em parte comprometido:

(...) quando assim se desprezam os erros presentes nas concepções infantis, não somente o adulto rebaixa a auto-estima das crianças, levando-as a abandonar seus esforços espontâneos de reflexão, como ele se priva de importante base para as suas preensões educativas (LA TAILLE, 1997, p. 26).

Entretanto o autor adverte para a tarefa de sabermos distinguir a qualidade de um erro, o que requer conhecimentos a respeito da Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo, isto é como a inteligência se estrutura, para que este diagnóstico possa ser acompanhado de intervenções adequadas, que ajude efetivamente o (a) aluno (a) a avançar.

Ora, conforme LA TAILLE há erros e erros, como por exemplo, aqueles que provêm do esquecimento, de dificuldades de manuseio da linguagem, ou mesmo à ignorância sobre determinado assunto. Além do que nem sempre os erros dos (as) alunos (as) têm a ver com uma atividade intelectual espontânea, daí a importância de um suporte teórico que contribua nesta avaliação cuidadosa acerca da qualidade do erro.

Temos claro que o (a) aprendiz, em sua trajetória do conhecimento, comete erros, mas que não interpretam, eles (as) mesmos, como erro. Então indagamos: como eles (as) superam esses erros? O erro somente terá validade como fonte de enriquecimento e possibilidade de avanço, se for observável pelo aluno, o que não significa apenas mostrar ao aluno (a) que ele (a) errou, pelo contrário é preciso que tenha acesso à qualidade do seu erro, os elementos necessários para avaliar esta qualidade.

O que mais aflige um professor ou professora que já compreendeu o erro construtivo, é a questão: como ajudar os alunos a superar o erro? Sobre essa questão, LA TAILLE, desenvolve a categoria - o conhecimento como construção, onde apresenta o conceito piagetiano de acomodação – a atividade cognitiva que envolve a modificação de estruturas mentais para ajustarem-se ao mundo, ou seja, uma forma de forçar o sujeito a mudar seus esquemas para acomodar os novos estímulos, que acontecem em função de suas particularidades, mas sem perder de vista sua continuidade, os poderes anteriores da assimilação.

O conceito de acomodação situa-se na perspectiva construtivista, esta entendida como: “um conjunto de teorias que afirmam que a evolução da inteligência é fruto da interação do sujeito com seu meio, interação na qual, por meio de um trabalho ativo de ação e reflexão, ele cria ferramentas mais complexas para conhecer o universo” (p. 27). Por fim, o conceito de equilíbrio – que enseja o caráter dinâmico da relação entre assimilação e acomodação, o processo que assegura a evolução da inteligência e da construção de conhecimentos.

De acordo com o autor, a visão construtivista, nega que a inteligência seja uma página em branco – defesa da teoria empirista e nega a idéia que sustenta que o conhecimento segue um programa genético, onde novas estruturas podem aflorar ao longo do tempo, ou seja, a teoria inatista.

Para Yves de La Taille, a evolução da inteligência e do conhecimento tem como principal referência à regulação oriunda de uma situação perturbadora, o erro.

Daí inferir a sua importância na aprendizagem, onde o erro pode se constituir num importante motivo para a modificação dos esquemas. Para isso acontecer, é necessário torná-lo num observável para o aprendiz, isto é, possibilitar situações em que ele tenha consciência deste erro, verificar o seu nível de desenvolvimento e a relação entre erro e regulação.

A reflexão entre o erro e a regulação, sugere que em algumas situações o (a) professor (a) pode até criar situações de aprendizagem consideradas ótimas, aquelas em que os (as) alunos (as) têm bons problemas para resolver – seus conhecimentos e hipóteses se revelam contraditórios com os fatos, mas também onde se revelam insuficientes, lacunares.

Para ele, o não saber é tão promovedor de desenvolvimento quanto o saber errado ou o acreditar que se sabe. Então não se trata apenas de criar situações de aprendizagem, mas, sobretudo, verificar lacunas que impossibilitam o progresso na aprendizagem.

Adverte que embora o erro possa ser considerado como uma rica fonte de aprendizagem e desenvolvimento, não é a única. O erro só tem valor no processo de construção do conhecimento cuja perspectiva que se persegue é o acerto. Estimular as inteligentes tentativas dos (as) alunos (as), é uma das tarefas fundamentais do (a) professor (a), valorizando erros oriundos de um processo legítimo de reflexão, sem deixar de dizer “o que você fez é muito interessante, mas ainda não é o correto”. Senão correremos o risco de não ajudarmos os (as) alunos (as) e ainda fortalecermos a idéia relativista de que todas as idéias têm o mesmo valor.

Ao desenvolver os conceitos piagetianos de assimilação, acomodação, equilíbrio e regulação, Yves de La Taille, explicita como a atividade da inteligência em seu processo de interação com o meio onde se localiza a aprendizagem. Mas embora o enfoque tenha considerado e privilegiado o sujeito da aprendizagem, enfatizam que o ser humano é um ser social, daí a necessidade de levar em conta as interações realizadas com este e as outras pessoas. Entretanto ao longo da vida são variadas as interações vividas pelo sujeito, classificadas como coação e cooperação.

A coação diz respeito ao processo de interação social caracterizado pela unilateralidade, onde um dos pólos da relação, em função da hierarquia que possui, detém poder de mando e ao outro cabe apenas a obediência. Já a cooperação baseia-se na reciprocidade – caracteriza-se pela relação de diálogo e debate, com ênfase na participação dos dois lados. Relações sociais apoiadas na coação, de acordo com o autor, solidificam o egocentrismo já a cooperação ajuda na descentração, na medida em que exige a construção do pensamento operatório – capaz de demonstrar afirmações. Uma das construções resultantes deste conhecimento é o estímulo à interação criança-criança, pois ausente de uma estrutura hierárquica há uma disposição maior para o estabelecimento de relações horizontais, com base na cooperação.

A vinculação do erro construtivo à interação social se dá em função de que, se o processo de interação estiver baseado na coação, o erro pode ser apontado partindo do lugar de quem sabe, ou seja, houve um erro, e a resposta certa é esta, para que seja reproduzida ou uma nova chance é dada para o aprendiz. Verifica-se que a regulação foi superficial, não garantindo, portanto, que o erro seja revisto, repensado numa perspectiva de superação pelo aprendiz.

Na cooperação, o encaminhamento é outro, o erro não só é apontado como são explicitadas suas causas. A regulação é adequada, pois ajuda o aprendiz a torná-lo observável. Embora o professor ou professora esteja no lugar de quem sabe, procuram compreender como o que está aprendendo pensou: colocando argumentos que ajudam o aluno a ter consciência do erro, mostrar o erro, fazer demonstrações do convencional e não sonegar de forma alguma as informações que contribuem no acúmulo de dados do repertório dos alunos e alunas.

E para concluir o autor trabalha a relação entre conhecimento e motivação. Explicita que ela é fundamental, pois tem a ver com o querer do aprendiz, a sua permissão, reafirmando nas palavras do próprio Piaget, que:

Toda conduta seja ela exterior (ação realizada sobre o meio), seja ela interna (pensamento), apresenta-se sempre como uma adaptação, ou melhor, readaptação. O indivíduo somente age se ele sentir a necessidade de

fazê-lo, isto é, se o equilíbrio for momentaneamente rompido entre o meio e o organismo, e a ação tende a restabelecer o equilíbrio, a readaptar o organismo. (PIAGET, 1967, p. 10 citado por LA TAILLE, 1997, p. 37).

Se a atividade do sujeito da aprendizagem é possibilitada pela motivação, em se tratando do erro muitas posturas podem ser observadas, tais como: quando há motivação, o sujeito se interessa pela resolução do problema, investe na regulação, procura superá-lo – este estágio é considerado ideal para a aprendizagem e o desenvolvimento; o sujeito percebe que não consegue resolver determinada questão, porque suas idéias são erradas ou mesmo porque tem lacunas no seu conhecimento, o que faz com que abandone a atividade, seus interesses são outros; o sujeito sabe que cometeu erro, mas de imediato, nega esses erros; o sujeito sequer se dar conta de que errou já que está tão convicto de suas idéias.

Portanto, várias situações podem decorrer diante de um sujeito sem motivação frente ao erro. O que se espera é que o desejo de saber e a decisão de aprender por parte do aluno ou aluna, possa ser construído com a participação efetiva do professor ou professora quando da seleção e organização de assuntos que partam da realidade do aprendiz, daquilo que faz sentido para ele (a) e que sejam sobretudo situações de aprendizagem desafiadoras e alcançáveis.

Embora o erro possa ser considerado como uma rica fonte de aprendizagem e desenvolvimento, não é a única. O erro só tem valor no processo de construção do conhecimento cuja perspectiva que se persegue é o acerto.

Estimular as inteligentes tentativas dos (as) alunos (as), é uma das tarefas fundamentais do (a) professor (a), valorizando erros oriundos de um processo legítimo de reflexão, sem deixar de dizer “o que você fez é muito interessante, mas ainda não é o correto”. Senão correremos o risco de não ajudarmos os (as) alunos (as) e ainda fortalecermos a idéia relativista de que todas as idéias têm o mesmo valor (LA TAILLE).

Embora o erro possa ser considerado como uma rica fonte de aprendizagem e desenvolvimento, não é a única. O erro só tem valor no processo de construção do conhecimento cuja perspectiva que se persegue é o acerto. Estimular as inteligentes tentativas dos (as) alunos (as), é uma das tarefas fundamentais do (a) professor (a), valorizando erros oriundos de um processo legítimo de reflexão, sem deixar de dizer “o que você fez é muito interessante, mas ainda não é o correto”. Senão correremos o risco de não ajudarmos os (as) alunos (as) e ainda fortalecermos a idéia relativista de que todas as idéias têm o mesmo valor (LA TAILLE).

